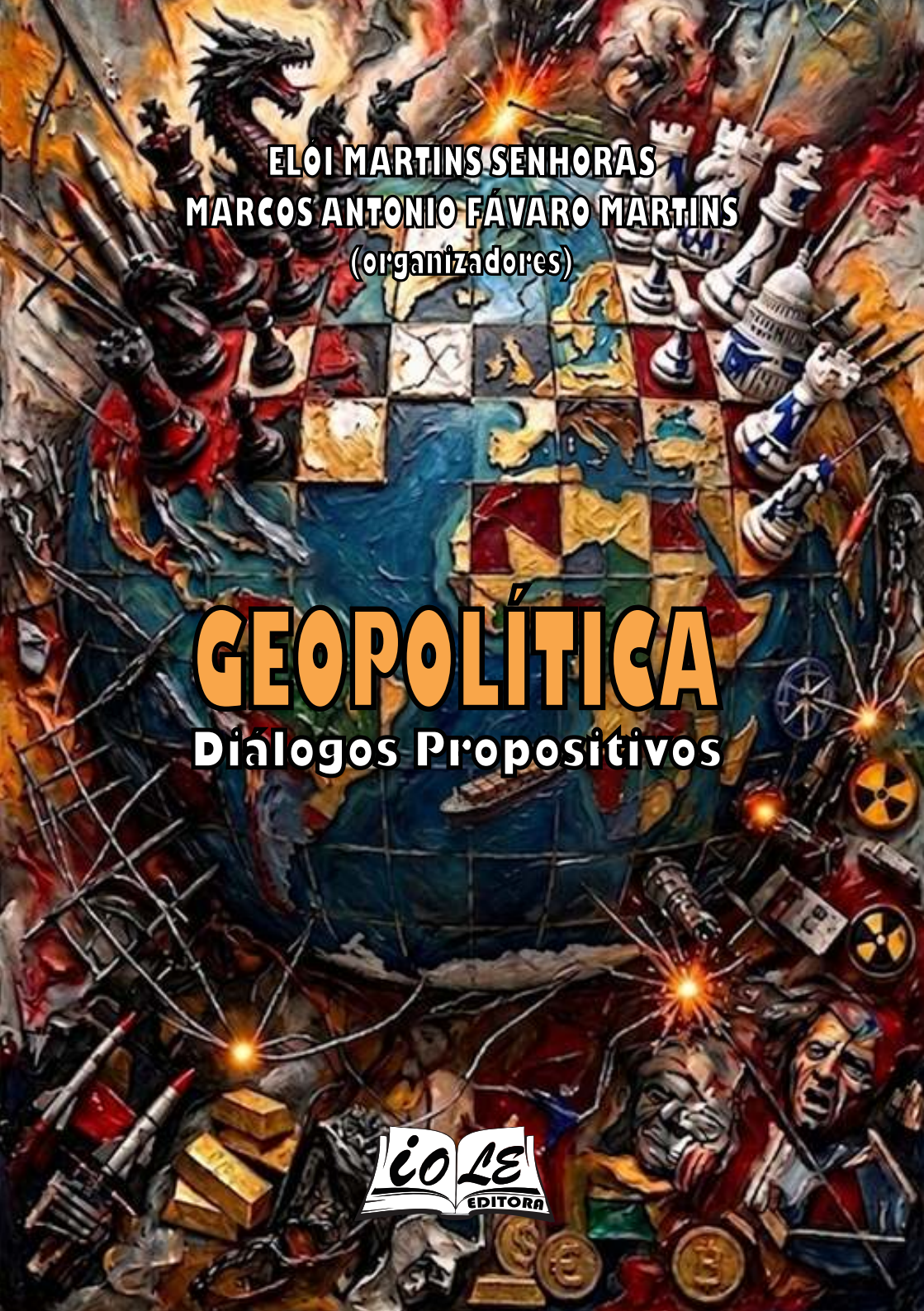
ELOI MARTINS SENHORAS
MARCOS ANTONIO FÁVARO MARTINS
(organizadores)

GEOPOLÍTICA

Diálogos Propositivos



EDITORA

GEOPOLÍTICA

Diálogos Propositivos

GEOPOLÍTICA

Diálogos Propositivos

ELÓI MARTINS SENHORAS
MARCOS ANTONIO FÁVARO MARTINS
(organizadores)

BOA VISTA/RR
2026

Editora IOLE

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei n. 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.



EXPEDIENTE

Revisão
Elói Martins Senhoras
Geane Ribeiro Silva Monteiro

Capa
Alokike Gael Chloe Hounkonnou
Elói Martins Senhoras

Projeto Gráfico e Diagramação
Elói Martins Senhoras
Balbina Líbia de Souza Santos

Conselho Editorial
Abigail Pascoal dos Santos
Charles Pennaforte
Claudete de Castro Silva Vitte
Elói Martins Senhoras
Fabiano de Araújo Moreira
Julio Burdman
Marcos Antônio Fávaro Martins
Rozane Pereira Ignácio
Patrícia Nasser de Carvalho
Simone Rodrigues Batista Mendes
Vitor Stuart Gabriel de Pieri

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO (CIP)

Se72 SENHORAS, Elói Martins; MARTINS, Marcos Antonio Fávaro (organizadores).

Geopolítica: Diálogos Propositivos. Boa Vista: Editora IOLE, 2026.

Série: Geografia. Editor: Elói Martins Senhoras.

ISBN: 978-65-979656-8-7

1 - Estudos de Caso. 2 - Geografia. 3 - Geopolítica. 4 - Teoria.
I - Título. II - Senhoras, Elói Martins. III - Geografia. IV - Série

CDD–900

A exatidão das informações, conceitos e opiniões é de exclusiva responsabilidade dos autores.
O presente livro contou com avaliação às cegas no sistema double-blind-review.



EDITORIAL

A editora IOLE tem o objetivo de divulgar a produção de trabalhos intelectuais que tenham qualidade e relevância social, científica ou didática em distintas áreas do conhecimento e direcionadas para um amplo público de leitores com diferentes interesses.

As publicações da editora IOLE têm o intuito de trazer contribuições para o avanço da reflexão e das práxis em diferentes áreas do pensamento e para a consolidação de uma comunidade de autores comprometida com a pluralidade do pensamento e com uma crescente institucionalização dos debates.

O conteúdo produzido e divulgado neste livro é de inteira responsabilidade dos autores em termos de forma, correção e confiabilidade, não representando discurso oficial da editora IOLE, a qual é responsável exclusivamente pela editoração, publicação e divulgação da obra.

Concebido para ser um material com alta capilarização para seu potencial público leitor, o presente livro da editora IOLE é publicado nos formatos impresso e eletrônico a fim de propiciar a democratização do conhecimento por meio do livre acesso e divulgação das obras.

Prof. Dr. Elói Martins Senhoras

(Editor Chefe)

Copyright © Editora IOLE
2026

CAPÍTULO 9

Heartland na América do Sul:
A Bolívia e sua Posição Geopolítica no Século XXI

HEARTLAND NA AMÉRICA DO SUL: A BOLÍVIA E SUA POSIÇÃO GEOPOLÍTICA NO SÉCULO XXI

Micheli Hederiki Alves[1]

Vinicius Modolo Teixeira[2]

Historicamente, a Bolívia é uma área de contenção e núcleo de integração sul-americana que ocupa posição central no Heartland Sul-americano, conforme releitura feita por Travassos (1935). O país ganha destaque na geopolítica mundial pela abundância de recursos naturais, como o gás natural e o lítio – este último sendo a razão pela qual o país se insere no "Triângulo do Lítio".

Para o caso específico desse estudo, a teoria base é a do Heartland sul-americano, uma releitura da teoria original de Halford Mackinder, compreendendo principalmente grande parte da Bolívia. Como ressaltado ao decorrer desta pesquisa, o potencial estratégico desta região volta-se justamente sobre sua posição entre as bacias Amazônica e do Prata criando um eixo de navegação capaz de unir o Caribe e o rio da Prata.

É com respaldo teórico, ancorado principalmente nas análises de Mario Travassos (1935) e na reformulação da teoria de Mackinder, feita por Tambs (1965), que este trabalho ressalta a importância da Bolívia para a geopolítica sul-americana no século XXI, em que a disputa pelo lítio se torna a maior "fome" das grandes potências, principalmente os EUA, ocasionando, consequentemente

[1] Mestranda em Geografia pela Universidade Estadual de Mato Grosso (UNEMAT). E-mail para contato: micheli.hederiki@gmail.com

[2] Professor da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Doutor em Geografia (UNICAMP). E-mail para contato: falecomovinas@gmail.com

influências e intervenções externas. Devemos, antes de tudo, compreender os motivos para tais atos.

Dessa forma, este estudo analisa a evolução da posição boliviana desde projetos de integração, passando por conflitos como a Guerra do Gás em 2003 e o golpe de 2019, os quais têm relação com interesses estrangeiros. A necessidade acerca de compreender essas dinâmicas surge no fato de que as disputas sobre territórios nunca se tornam obsoletas, principalmente pautado na América do Sul. Além disso, recursos e poder, especialmente em um contexto de dependência de investimentos externos e tensões entre modelos estatais e privados, são pivôs de golpes e derrubadas de governo como o ocorrido com Evo Morales, em 2019.

Com base nestas discussões, o objetivo deste estudo objetiva examinar como a Bolívia equilibra sua soberania com pressões geopolíticas mediante métodos qualitativos baseada em revisão bibliográfica. Discutindo desafios persistentes em território boliviano, como o enclausuramento geográfico, a saída para o mar e a extração predatória. O que se pode concluir nesse trabalho é que a Bolívia permanece como peça-chave na geopolítica sul-americana, refletindo contradições entre integração e exploração.

REFERENCIAL TEÓRICO

A princípio, para respaldar essa pesquisa e os pensamentos que levaram ao problema, compreendemos que o território é visto como um espaço concreto ocupado por um grupo. Essa dita ocupação é vista como um propulsor de identidade antrópica e o seu meio. Não podemos compreender um grupo social sem que se fale, estude ou, até mesmo, o vincule com seu território, uma vez que na

Geografia, a identidade e a raiz da vida está justamente nos atributos do espaço concreto, como colocado por Souza (2000).

Raffestin (1993) ainda explica que o território é um espaço inventado pelos homens, sendo definido por suas relações de poder e sendo composto por duas faces: a expressão e seu conteúdo. Além disso, Gottmann (1975) diz que o território faz parte de uma extensão espacial de jurisdição de um governo, um recipiente físico que é o apoio de um corpo político do Estado.

Devemos, dessa forma, compreender que o território é um objeto de desejo, é uma promoção de segurança física contra invasão ou de controle exterior, além de palco para oportunidade de desenvolvimento (GOTTMANN, 1975).

E para o desenvolvimento político dentro de um território e suas relações é que utilizamos da Geografia Política e da Geopolítica, essas que buscam analisar as relações políticas que moldam o espaço geográfico, sendo dois pontos importantes para a compreensão da integração regional e as transformações fronteiriças. Ambas as áreas demonstram a importância das assimetrias territoriais e as disputas de poder (RÜCKERT; CARNEIRO; NOGUEIRA, 2018).

Assim, devemos pontuar o quanto o debate sobre o poder se destaca nessa questão, como colocado por Cabrita (2019) que diz que a luta pelo poder é sinônimo de um processo político, em que a capacidade militar e a estrutura de ordem mundial se destacam em primeiro plano.

Contudo, entendemos também que o poder é uma configuração de dominação do inimigo, ou nesse caso, de um território, buscando “vencer” uma guerra, ou até evitar, além de obter poder sobre aquilo que dominou e venceu. É nesse sentido que compreendemos poder como a capacidade de uma unidade política de impor suas vontades aos demais (ARON, 2002).

Morgenthau (2003) explica de forma clara que é o poder a essência da política, sendo um ponto central dentro das relações políticas. O poder que está relacionado ao domínio de um território. Clausewitz (1984) afirma que fazer um inimigo "politicamente incapaz" ou até militarmente impotente, é o significado de vitória militar, assim que a dominação e a tomada de poder sobre um território acontecem.

Nesse sentido que entendemos com Raffestin (1993) que a geografia é uma geografia do poder, sendo a geografia política clássica a geografia do Estado, sendo o poder a chave de tudo.

No caso aqui tratado, devemos compreender primeiramente a teoria base de Halford Mackinder (1904) que diz que a dominação do mundo pudesse ocorrer, seria a partir do centro das terras emersas do planeta, que seriam correspondentes ao leste europeu e ao oeste da Rússia, conhecido como o Heartland. Segundo o autor, é nessa região que o poder militar e econômico teria um longo alcance.

Dessa forma, compreendemos o Heartland sul-americano como uma releitura da teoria de Mackinder, através de Oliveira e García (2010), que dizem que, mantendo o viés da projeção, seria incluído parte da Amazônia, o norte da Argentina, maior parte da Bolívia e o território do Paraguai.

Carneiro Filho e Rückert (2011) explicam que essa região se impõe com certa força sobre seu potencial estratégico devido às duas grandes bacias, a bacia Amazônica e a bacia do Prata, sendo possível, assim, criar um eixo de navegação capaz de unir o Caribe com o Rio da Prata e a conexão da bacia Amazônica com a bacia do Orinoco, isso sendo possível caso os canais e hidrovias fossem feitas.

O que chamamos aqui de "Heartland sul-americano" foi feito por Lewis Tambs (1965), adaptando a ideia de Mackinder, trazendo para essa perspectiva "quem domina Santa Cruz comanda Charcas.

Quem domina Charcas comanda o Heartland. Quem domina o Heartland comanda a América do Sul".

Tambs (1965) diz que a importância histórica da região veio desde os pré-colombianos até a colonização espanhola, configurando o centro de poder no altiplano e Charcas, até o fim do império espanhol na região o centro fervente e de relevância do poder estava no Alto Peru.

Nesse sentido, Travassos (1935) propôs transferir a centralidade de Cochabamba para Santa Cruz, uma vez que o controle da Bolívia poderia outorgar ao Brasil um domínio político e econômico, e isso devido a Cochabamba estar localizada na zona de influência Platina no sul e por estar ligada à atração Amazônica ao norte.

Travassos (1935) ressalta os três grandes acidentes geológicos sul-americanos como pontos importantes: a Cordilheira dos Andes e as Bacias dos rios Amazonas e do Prata. Assim, segundo o autor, o território da Bolívia se encontra em uma posição de projeção para todas as direções, ao mesmo tempo que está vulnerável também de todas as direções. Assim, a Bolívia seria o único país a exercer a projeção sobre todos esses quatro espaços.

É a partir desse respaldo sobre as análises realizadas por Travassos (1935) e a reformulação da teoria de Mackinder feita por Lewis Tambs (1965) que se ressalta nesse trabalho a importância da Bolívia para a geopolítica sul-americana no século XXI.

METODOLOGIA

Os Estados são uma "totalidade menor no interior de uma totalidade mais ampla, o espaço mundial", sendo esses agentes que mantêm os processos e fluxos funcionando dentro da dinâmica

interna e externa, fomentando o capitalismo vigente (SANTOS, 2002). É nessa perspectiva que quando falamos de território e da necessidade de análise, buscamos entender quem domina, influência e quer ou tem poder sobre um território, e nesse caso da Bolívia, o que leva o país a ser ponto de interesse para tais ações.

Dessa maneira, a pesquisa apresentada neste capítulo adotou um uma abordagem exploratória, descritiva e explicativa quanto aos fins e um instrumental metodológico qualitativo quanto aos meios, fundamentando-se em análise bibliográfica e documental, conforme propostas metodológicas feitas por Minayo (2014) e Gil (2019), estes que destacam a importância da interpretação crítica de fontes para compreender fenômenos sociais.

Priorizou-se dessa forma obras que abordam a Bolívia em seu contexto histórico-geopolítico, trazendo assim o levantamento por meio de artigos científicos, revistas e capítulos de livros oriundos da Geopolítica, Geografia, Geografia Política e Relações Internacionais, com dados obtidos pelo SciELO, Portal de Periódicos da CAPES (Brasil), Scopus e Web of Science, além do acesso através do buscador Google Scholar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Devemos, em primeiro momento, compreender que o território é poder no âmbito geográfico e geopolítico, ligado por veias e tendões, artérias que se ligam e pulsam na existência de um território e no Estado que o rege. Compreendemos esse fator através de Raffestin (1993) e sua percepção de território e poder, sendo algo organizado ou não, se expandindo ou se contraindo através da história.

É a partir desse viés que temos que colocar nosso olhar sobre a América Latina, sendo esta, uma das regiões mais ricas em recursos naturais, com enormes depósitos de petróleo, gás e minerais estratégicos para a geopolítica do mundo atual (WATANABE, 2023).

Nesse tocante, a Bolívia é um país marcado por fortes contradições internas, como divergências de renda e divisões étnicas. Ao Leste temos a herança hispânica branca e a Oeste está a identidade andina e indígena (BERDÚ, 2023).

Além disso, a Constituição da Bolívia estabelece o país como um Estado Plurinacional, ressignificando a soberania popular como fonte de legitimação de instituições e do Estado, criando novas relações e formas de poder entre as comunidades políticas do país (SILVA JÚNIOR, 2014).

Quando falamos da Bolívia e de geopolítica, como aqui trabalhado, devemos pontuar, conforme Tambs (1965), que o território do país é um espaço que vincula as regiões Platina, Andina e Amazônica, o que o faz ser rico em recursos e leva alguns estudiosos a relacioná-lo com o Heartland euroasiático de Mackinder.

Compreendendo três quintos do território boliviano, o leste do país é construído geograficamente por planícies baixas de rios grandes e pântanos, além da floresta Amazônica. Já no sul do país está o Chaco boliviano (RODRIGUES, 2014).

Durante o século XX, a Bolívia foi lida de três formas. A primeira como um "absurdo geográfico" devido à sua fragmentação territorial. Segundo como área de contenção entre Brasil e Argentina. E por último, como núcleo de integração sul-americana (PFRIMER, 2011).

Mendoza (2016) cunha dois conceitos importantes para determinar a Bolívia: Maciço Boliviano e "Eslabón Andino Central". Sendo essas áreas definidas como "macico", ou seja, "uma só montanha", um altiplano que poderia atuar como passagem para as quatro grandes áreas do continente sul-americano.

Travassos (1935) propõe a teoria do "Triângulo Estratégico Boliviano" destacando Cochabamba, Santa Cruz de la Sierra e Sucre como vértices de um espaço de influência que causam disputas por potências regionais.

O triângulo, mais tarde, foi reconfigurado para incluir Tarija, após a descoberta de reservas de gás e petróleo, fazendo com que reforçasse a importância da Bolívia como um "hub" de conexão regional (PFRIMER, 2011; SEVERO, 2012).

Na contemporaneidade a Bolívia obteve destaque no "Triângulo do Lítio" – juntamente com a Argentina e o Chile –, concentrando 92% das reservas mundiais. Isso faz com que a Bolívia se encontre em uma dinâmica geopolítica de disputas globais pelos recursos naturais do país, enquanto tenta equilibrar sua posição dentro dos interesses nacionais regionais e transnacionais (JESUS *et al*., 2023; SOARES, 2022).

Iniciativas como a UNASUL (União de Nações Sul-Americanas) e a IIRSA (Iniciativa para a Integração da Infraestrutura Regional Sul-Americana) buscavam impulsionar a integração sul-americana para a superação de antagonismos históricos e a transformação da Bolívia em um eixo de desenvolvimento regional. Contudo, a dependência de investimentos de países externos e as tensões entre modelos de exploração mineral estatal e privada se tornam desafios persistentes no país (BRAGATTI, 2016; PFRIMER, 2011).

Nesse tocante, a posição da Bolívia e seus recursos minerais colocam o país como uma peça importante dentro do Heartland Sul-

americano, evoluindo desde discursos de contenção até projetos de integração e a atual corrida pelo lítio.

A teoria do Heartland foi criada por Halford Mackinder, como citado anteriormente, sendo feita uma releitura dessa teoria para o contexto sul-americano através de Mario Travassos e Lewis Tambs, descrevendo a Bolívia como uma região estratégica no continente. O país se encontra localizado no centro da América do Sul, vista como um ponto de convergência entre as bacias do Prata e do Amazonas, além da Cordilheira dos Andes (PFRIMER, 2011; TRAVASSOS, 1935).

É assim que se coloca a Bolívia no centro do Heartland sul-americano, através de Travassos (1935), já que o país possui entre Santa Cruz de la Sierra, Cochabamba e Sucre um "triângulo estratégico" que inclui as cidades de Oruro e Potosí, cidades mineradoras, como um ponto estratégico importante.

Contudo, a Bolívia sofre desafios devido seu enclausuramento geográfico, mesmo sendo detentora das maiores reservas mundiais de lítio e sua posição geopolítica (WATANABE, 2023). Esse fato ocorre devido à perda de sua costa no Pacífico após a Guerra do Pacífico entre 1879 – 1883, o que fazendo buscar outras alternativas logísticas (ESCUDÉ, 2008).

Com a exploração do lítio no Triângulo do Lítio – Bolívia, Argentina e Chile –, faz com que o corredor bioceânico Central ganhe novo significado: o equilíbrio estratégico da região depende da capacidade de integração logística (DUARTE; MARTINS, 2021). Dessa forma, o que se destaca aqui é a importância das conexões entre terra e mar, mas sobretudo, o quanto o Triângulo do Lítio se torna uma peça-chave e ganha destaque dentro das disputas.

Para o controle da exploração do Lítio, a Bolívia utiliza de políticas estatais como a criação da Yacimientos de Litio Bolivianos

(YLB) para a industrialização e soberania do país (OBAYA, 2019; GOMES *et al*., 2024).

A Guerra do Gás em 2003 colocou em pauta a importância dos recursos naturais nas disputas geopolíticas. A mobilização do conflito resultou na queda do então presidente Sánchez de Lozada e posteriormente na nacionalização do gás sob Evo Morales (GOMES *et al*., 2024; BORON, 2020).

A Bolívia enfrenta desafios, como o golpe em 2019, atribuído a interesses no lítio do país por parte de forças estrangeiras (PRASHAD, 2020; SÁNCHEZ, 2020). A atuação imperialista dos EUA é destaque quando discutido o golpe de 2019 na Bolívia, motivada pelo interesse sobre os recursos naturais do país.

Um dos pontos importantes para aqui se ressaltar é que o governo de Evo Morales, líder indígena, além de dirigente do Movimiento al Socialismo (MAS), ampliou a frente de resistência e as oposições aos Estados Unidos na América do Sul, sendo aliado ao Presidente Hugo Chávez na Venezuela (BANDEIRA, 2008).

Durante o governo de Evo Morales, a nacionalização e controle estatal do lítio ia contra os interesses das corporações internacionais e do governo dos EUA. Dessa forma, a Organização dos Estados Americanos (OEA) desempenhou um papel importante no golpe, questionando a legitimidade das eleições de 2019 (FARINELLI, 2020; PRASHAD, 2019; ROMANO *et al*., 2019; SÁNCHEZ, 2020).

Além disso, conforme Bandeira (2008) explica, no início de 2008, Morales não apenas denunciou a Enron e a Shell, também considerou persona non grata o Embaixador dos Estados Unidos, Philip Goldberg, acusando de apoiar a rebelião dos departamentos da “media-luna”, contra La Paz, encorajando a secessão da Bolívia.

É interessante a análise sobre o conveniente incômodo que se estabelece sobre o governo dos EUA no governo de Morales na Bolívia, ainda mais se levarmos em consideração a importância do lítio para o setor energético mundial na fabricação de baterias. Vale ressaltar que, mesmo os EUA sendo o quarto país com as maiores reservas de lítio do mundo, o país não é um grande produtor. Em 2018 a produção de lítio estava ocorrendo somente em Nevada (WATANABE, 2023).

Além disso, sobre a importância da Bolívia, mesmo com a projeção, devemos ressaltar, conforme Feres (2021), que a perda de articulação com os oceanos faz com que a dificuldade surja no desenvolvimento econômico boliviano, fazendo o país se permear na constante dependência de vizinhos para continuar exportando e importando.

Ressalta-se que desde a Guerra do Pacífico que a Bolívia e Chile passaram por atritos em torno da questão da saída para o mar, sendo que o Tratado de 1904 cedia o território do Litoral para o Chile, resguardando à Bolívia o trânsito comercial através do território chileno (VIDIGAL, 2007).

Podemos entender a importância da Bolívia justamente pela sua posição geográfica como muito ressaltada anteriormente, sendo esta uma posição que funciona como atração, articulação, de união e de soldadura entre países vizinhos (FRANCOVICH, 1985).

Dentro da discussão estabelecida, a posição geográfica da Bolívia não é alterada, óbvio, deixando o país dentro do coração do continente sul-americano, pulsando a todo vapor devido sua variação de relevo e seus climas, além das possibilidades demográficas. A Bolívia, como diz Vega (2011), é um "órgão vascular da circulação de vida e de correntes vitais de todo o continente, neste imenso centro geográfico".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desse trabalho foi possível compreender a posição complexa da Bolívia na geopolítica sobre o contexto sul-americano contemporâneo com suas múltiplas dimensões de espaço de disputa, integração e soberania.

Partindo da teoria clássica de Mackinder (1904) e a releitura feita por Travassos (1935), foi possível constatar como a Bolívia se consolidou como peça central na geopolítica regional, transitando de visões como "absurdo geográfico" para a sua atual posição como núcleo estratégico de recursos minerais.

A contemporaneidade introduziu um elemento crucial nas disputas estratégicas: os recursos naturais. É dessa forma que entendemos a projeção da Bolívia para o centro de disputa global por recursos críticos para a transição energética.

Eventos relatados como a Guerra do Gás em 2003 e o golpe de 2019, evidenciam de forma clara, nítida, como a luta pelo controle desses bens se tornou a cerne da dinâmica política e geopolítica boliviana, o que fez a atenção e a intervenção de grandes potências serem postas sobre o território do país.

O "Triângulo do Lítio" em conjunto com Chile e Argentina, reposicionou a Bolívia no cenário internacional, o que atraiu interesses globais sobre seus recursos estratégicos. Contudo, a nova centralidade é acompanhada de desafios estruturais, incluindo as tensões entre modelos de desenvolvimento nacional e pressões transnacionais.

A criação da YLB, analisada por Obaya (2019), ressaltava a importante tentativa de afirmação da soberania do país, mas que convive com padrões históricos de extração predatória de seus recursos.

A Guerra do Gás (2003) e o golpe de 2019 revelam a volatilidade política associada à gestão de recursos naturais na Bolívia. A partir desses pontos, é destacável as tensões permanentes entre projetos nacionais de desenvolvimento e interesses geopolíticos externos, constituindo um campo aberto e promissor para análises críticas.

O caso boliviano, conforme demonstrado até aqui neste trabalho, configura-se como um laboratório para compreender as dinâmicas que articulam um território, recursos naturais e poder. A trajetória histórica do país, marcada por contradições e desafios, oferece possibilidade de se perguntar quais são os limites do desenvolvimento soberano na "periferia" do sistema mundial. Travassos (1935) aponta a posição estratégica da Bolívia, o que fomenta as discussões sobre o curso na geopolítica sul-americana do século XXI.

O que podemos concluir, por fim, é que a projeção estratégica da Bolívia no cenário atual é dupla: simultaneamente geoespacial, devido sua posição geográfica de "hub" central na América do Sul. E também é geoeconômica devido sua riqueza mineral.

A tensão entre seu potencial integrador, materializado em iniciativas como a IIRSA, além da vulnerabilidade devido à falta de saída para o mar, faz com que o país dependa da cooperação de vizinhos para seu comércio exterior, definindo o país em um tabuleiro sul-americano.

Assim, a Bolívia se constitui como um território cujo domínio e influência são cobiçados, com sua trajetória futura sendo determinada pela capacidade de equilíbrio entre soberania e seus bens comuns, além da integração regional e as pressões de poder que incidem sobre o coração geopolítico sul-americano.

REFERÊNCIAS

ARON, R. **Paz e guerra entre as nações**. Brasília: Editora da UnB, 2002.

BANDEIRA, L. A. M. "A Importância Geopolítica da América do Sul na Estratégia dos Estados Unidos". **Revista da Escola Superior de Guerra**, vol. 24, n. 50, 2008.

BERDÚ, G. P. **Disputas hegemônicas, imperialismo e intervenções no século XXI**: as eleições presidenciais na Bolívia em 2019 e a atuação da Organização dos Estados Americanos (OEA) (Dissertação de Mestrado em Relações Internacionais). São Paulo: UNESP, 2023.

BORON, A. A. "Notas sobre a atualidade do imperialismo e a nova estratégia de segurança nacional dos Estados Unidos." *In*: LÓPES, E. **As veias do sul continuam abertas: Debates sobre o imperialismo do nosso tempo**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2020.

BRAGATTI, M. C. "Teoria Geopolítica e Interpretações do Continente Sul-americano: Marco Geopolítico Regional e a Formação da UNASUL". **ACTA Geográfica**, VOL. 10, n. 22, 2016.

CABRITA, L. B. "A Guerra de Quarta Geração". **Revista Militar Brasileira**, n. 21, 2019.

CARNEIRO FILHO, C. P.; RÜCKERT, A. A. "A Tríplice Fronteira e o Heartland da América do Sul". **Anais do II Simpósio Nacional de Geografia Política, Território e Poder**. Curitiba: UFPR, 2011.

CLAUSEWITZ, C. V. **Da Guerra**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1984.

DUARTE, R. B.; MARTINS, N. A. F. “O equilíbrio estratégico sul-americano como força de inspiração do pensamento geopolítico no Brasil e na Argentina (1900–1950)”. **Anais do XIV Encontro Nacional De Pós-Graduação E Pesquisa Em Geografia**. Belém: UFPA, 2021.

ESCUDÉ, C. **Apuntes sobre los Orígenes del nacionalismo territorial argentino**. Buenos Aires: Universidad del Cema, 2008.

FARINELLI, V. “Exclusivo à Fórum: Evo Morales chama de “Golpe do Lítio” o que viveu na Bolívia”. **Revista Fórum**, n. 23, 2020.

FERES, C. P. C. “A importância geopolítica do Gran Chaco para a integração logística da América do Sul”. **Revista de Geopolítica**, vol. 12, n. 4, 2021.

FRANCOVICH, G. **El pensamiento Boliviano en el Siglo XX**. Cochabamba: Editorial Los Amigos del Libro, 1985.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Editora Atlas, 2019.

GOMES, C. M. C. *et al*. “Crise, forças produtivas e questão ambiental: desenvolvimento e dependência na Bolívia contemporânea”. **Argumentum**, vol. 16, n. 3, 2024.

GOTTMANN, J. “A evolução do conceito de território. Tradução de Isabela Fajardo e Luciano Duarte. Revisão de Fabrício Gallo”. **Social Science Information**, vol. 14, n. 3, 1975.

JESUS, A. B. C. *et al*. “Breves reflexões sobre o triângulo geopolítico do lítio sul-americano”. **Revista Geopolítica Transfronteiriça**, vol. 1, n. 2, 2023.

MACKINDER, H. K. “The Geographical Pivot of History”. **The Geographical Journal**, vol. 23, n. 4, 1904.

MENDOZA, J. **El macizo boliviano**. La Paz: Imp. Arnó Hnos, 1935.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Editora Hucitec, 2014.

MORGENTHAU, H. J. **A Política entre as nações**: a luta pelo poder e pela paz. Brasília: Editora da UnB, 2003.

NOGUEIRA, R. J. “Sociedades fronteiriças: nas margens da integração sul-americana”. *In*: RÜCKERT, A. A. *et al*. (org.). **Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território**: integração sul-americana e regiões periféricas. Porto Alegre: Editora Letra 1, 2018.

OBAYA, M. **Estudio de caso sobre la gobernanza del lítio en el Estado Plurinacional de Bolivia**. Santiago de Chile: CEPAL, 2019.

OLIVEIRA, L. K.; GARCÍA, T. S. L. “O Conceito de Heartland na Geopolítica Clássica: Funcionalidade e Limites para a Análise da Região Central da América do Sul”. **Anais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade**. Florianópolis: UFSC, 2010.

PFRIMER, M. H. “Heartland Sul-americano? Dos discursos geopolíticos à territorialização de um novo triângulo estratégico boliviano”. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, n. 29, 2011.

PRASHAD, V. “As multinacionais, o valioso lítio da Bolívia e a urgência de um golpe”. **Brasil de Fato** [2019]. Disponível em: <www.brasildefato.com.br>. Acesso em: 12/03/2026.

PRASHAD, V.; BEJARANO, A. **Balas de Washington**: uma história da CIA, golpes e assassinatos. São Paulo: Editora Expressão, 2020.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

RODRIGUES, B. S. "O heartland sul-americano – a importância geopolítica da Bolívia para a América do Sul". **OIKOS**, vol. 13, n. 1, 2014.

ROMANO, S. *et al*. **EE. UU. y la construcción del golpe em Bolivia**. La Paz: Celag, 2019.

SÁNCHEZ, A. **Detrás del Golpe**: la industrialización del lítio en Bolivia. Buenos Aires: CLACSO, 2020.

SANTOS, M. "O retorno do território". *In*: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A.; SILVEIRA, M. L. (orgs.). **Território**: globalização e fragmentação. São Paulo: Editora Hucitec, 2002.

SEVERO, L. W. "A importância geopolítica da Bolívia e a integração da América do Sul". *In*: OLIVEIRA, R. P. *et al*. (orgs.). **América Andina**: integração regional, segurança e outros olhares. Campina Grande: Editora da UEPB, 2012.

SILVA JÚNIOR, G. L. **A constituição do estado plurinacional da Bolívia como um instrumento de hegemonia de um projeto popular na América Latina** (Tese de Doutorado em Direito). Brasília: UnB, 2014.

SOARES, A. L. R. "Geopolítica dos recursos naturais: o caso do lítio na América do Sul". **Anais do XXX Congresso De Iniciação Científica Da UNICAMP**. Campinas: UNICAMP, 2022.

SOUZA, M. J. L. “O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento”. *In*: CASTRO, I. E. *et al*. **Geografia**: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 2000.

TAMBS, L A. “Charcas: The South American Heartland”. **ResearchGate** [1965]. Disponível em: <www.reasearchgate.net>. Acesso em: 23/04/2026.

TRAVASSOS, M. **Projeção continental do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

VEGA, A. V. **Geopolítica en Bolivia**. La Paz: Libreria Editorial “G.U.M”, 2011.

VIDIGAL, C. E. “Relações Brasil-Bolívia (1973-1974): o gás e a geopolítica regional”. **Cena Internacional**, vol. 9, n. 2, 2007.

WATANABE, T. A. “Imperialismo ecológico: a exploração de lítio na Bolívia como ‘alternativa sustentável’ ou ‘nova maldição?’”. *In*: LOPES, A. E. P.; MIRANDA, I. C. R. **Economia Ecológica, território e desenvolvimento sustentável**: perspectivas e desafios. São Paulo: Editora Científica Digital, 2023.